

Jeremy Paul Jean Loup  
Deturche (UFSC)

Priscila Faulhaber & Ruth Monserrat (Org). 2008. *Tastevin e a Etnografia Indígena*. Rio de Janeiro: Museu do Índio / FUNAI. Série Monografias. 213 pp.

Manuela Carneiro Da Cunha (Org). 2009. *Tastevin, Parrissier. Fonte sobre Índios e Seringueiros do Alto Juruá*. Rio de Janeiro: Museu do Índio / FUNAI. Série Monografias. 272 pp.

A obra etnográfica do Padre Constantin Tastevin é bem conhecida e reconhecida por todos os pesquisadores da Amazônia ocidental brasileira, como fonte de observações e informações preciosas. Porém, o acesso aos textos produzidos não é tão fácil, pois eles estão distribuídos em revistas da primeira metade do século XX, a maioria delas de língua francesa, algumas de cunho científico e outras ligadas à Igreja Católica e à obra missionária. Com o objetivo de atenuar esse desconforto, de difundir a obra de Tastevin e expor a riqueza cultural dos povos indígenas por ele levantada, que o Museu do Índio, vinculado à FUNAI, iniciou, na Série Monografias, a tradução e publicação de artigos dispersos de Tastevin – ver as cartas de apresentação dos dois volumes dos presidentes da FUNAI e do Museu do Índio.

“*Tastevin e a etnografia Indígena*” e “*Tastevin, Parrissier. Fontes sobre Índios e Seringueiros do Alto Juruá*” são os dois volumes até agora publicados, o primeiro organizado conjuntamente por Priscilla Faulhaber e Ruth Monserrat, e o segundo por Manuela Carneiro da Cunha. Os dois volumes são complementares, como veremos, não somente nas regiões geográficas que tratam, mas também nos tipos de textos escolhidos. *Tastevin e a etnografia indígena*, publicado em 2008, traz nada menos que dez artigos. Começa com dois textos que poderíamos qualificar de geografia humana e física, no qual Tastevin tentava dar uma imagem, às vezes romântica da Amazônia Ocidental. Na sequência vêm dois textos mais etnográficos, sobre os Mura e os Makú da região de Téfé e do Japurá, sucedidos por três textos que podemos considerar como

uma análise de dados que se referem aos índios em geral, tentando retirar generalidade de dados etnográficos: a resposta ao artigo de Hugo Kunike sobre o valor simbólico do peixe na Amazônia, um outro sobre o uso da mandioca na Amazônia, e um sobre a agricultura dos índios *insubmissos* da Amazônia brasileira. Para resumir, há dois artigos, os dois últimos, particularmente especiais, por fugirem um pouco do tema geral e da região: tratam-se do texto sobre a lenda do “Boiaçu” e aquele sobre as inscrições rupestres situadas além das últimas cachoeiras do Japurá, em território colombiano, onde o Japurá torna-se o Caquetá (último da coletânea). Há muito a dizer sobre o texto da lenda do Boiaçu, pré-análise de um mito onde aparecem temas clássicos, como a gemelaridade, e preocupações ainda hoje discutidas como a dinâmica de incorporação de elementos cristãos nas mitologias ameríndias, a realidade da “conversão” ou a relação entre ritual, mitologia e incorporação de elementos alheios. Se trata provavelmente do único texto publicado que relata dados etnográficos Katawixi (Catauxi no texto), e que não se contenta em apenas localizá-los.

Todos os artigos selecionados na primeira coletânea escolhidos provêm de publicações em revistas científicas: os dois artigos de “geografia humana e física” encontram-se na revista *La Géographie* e os outros foram publicados originalmente em revistas de antropologia, como *Anthropos* ou o *Journal de la Société des Américanistes*<sup>1</sup>. Isto é uma das diferenças dos textos apresentados por M. Carneiro da Cunha na segunda coletânea, que contém textos extraídos de revistas católicas, além daqueles publicados em *La géographie*. Porém, não é com um texto da autoria de Tastevin que começa o segundo volume, mas com um de seu *devancier* como missionário da Congregação do Espírito Santo na Prelazia de Téfé: o Padre Jean-Baptiste Parissier. Esse texto, o maior das duas coletâneas (mais de 60 páginas), é também o único inédito. Trata-se da primeira publicação de um manuscrito, e o mais antigo (1898). Esse texto, relato de uma viagem ao longo do Rio Juruá, é como uma introdução a obra de Tastevin. Primeiro relato descritivo da região, é incomparável *no que toca aos costumes regionais no finalzinho do século XIX* (p. 1), conforme escreve a organizadora do volume na apresentação do artigo.

A outra parte do volume, dedicada aos artigos de Tastevin, reúne textos sobre a região do alto Juruá, alternando material de geografia humana e outros mais etnográficos, principalmente sobre povos pano do alto Juruá (Kaxinawa e Katukina pano notadamente), e traz ainda algumas informações sobre os Kulina ou os Kanamari no texto “O Rio Muru”. Todavia, em todos os artigos existem informações sobre as populações indígenas do alto e médio rio Juruá. Os três textos extraídos da revista *La Géographie* se parecem com os publicados no volume de P. Faulhaber e R. Monserrat, divididos em temas nos quais a descrição aparece como o principal objetivo. Os artigos provenientes das revistas de cunho religioso (como *Les Missions Catholiques*, *Le Lys de Saint Joseph* ou ainda os *Annales Apostoliques*) são relatos do cotidiano e de encontros onde Tastevin não repugna o uso do discurso direito, re-transcrevendo diálogos. São dois aspectos, dois estilos de escrita de Tastevin explorados por M. Carneiro da Cunha.

A complementaridade dos dois volumes se deve então não somente à geografia – os textos da primeira coletânea sendo centrado mais no Solimões, tratando de temas gerais, enquanto os da segunda tratam principalmente do alto Juruá –, mas também qualitativa, com uma coletânea centrada em textos científicos e a outra

que integra textos a destinação de um público religioso. As diferenças nos artigos selecionados para tradução e publicação acabam compondo também uma imagem diferente de Tastevin. P. Faulhaber e R. Monserrat insistem, na introdução do volume (e num artigo publicado por Faulhaber no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi sobre Tastevin e Nimuendajú) principalmente em dois pontos: no caráter missionário da obra de Tastevin e no papel de etnógrafo, especialmente como provedor de dados etnográficos para Paul Rivet, com o qual ele teria uma relação estreita desde 1914.

P. Faulhaber, tanto na introdução quanto no artigo (FAULHABER, 2008) em que compara as obras e as atuações de Tastevin e Nimuendaju, analisa esse papel de fornecedor de dados de Tastevin, que situa na produção do conhecimento etnológico da época. Período durante o qual os teóricos, especialmente os franceses, como M. Mauss, L. Lévy-Bruhl ou P. Rivet, não praticavam pesquisa de campo. O outro aspecto da obra de Tastevin no qual P. Faulhaber insiste é o seu caráter missionário, tanto nas posturas teóricas e os preconceitos que perpassam em seus textos, quanto na sua vontade de tradução cultural, e no papel indigenista da sua obra, como um braço da “civilização” na integração dos índios, nem sempre em acordo com a filosofia positivista do Estado Brasileiro. Essa insistência em definir o lugar de Tastevin na história da Etnologia tende a colocar em segundo plano os ricos dados etnográficos que podem ser extraídos de sua obra. Porém, isto se deve provavelmente ao fato de que P. Faulhaber e R. Monserrat trabalharam os textos e artigos gerais e os referentes a populações cujo estudo representa uma pequena parte da obra de Tastevin.

Por sua vez, M. Carneiro da Cunha insiste mais na relativa esquizofrenia de Tastevin, que ressalta até em sua maneira de escrever, com os estilos variando segundo o público alvo: entre as revistas científicas e as revistas religiosas (p. XVI). A autora pontua também o fato de que Tastevin não se considerava etnólogo, o que, em várias ocasiões, o teria impedido de publicar importantes dados etnográficos. Enfim, M. Carneiro da Cunha expõe as diferentes fases da atuação do missionário no Juruá, com uma clara diferença entre antes da I Guerra Mundial e depois, quando se estreitam seus contatos com Paul Rivet. Numa carta manuscrita Tastevin parece consciente dessa mudança, queixando-se do pouco interesse que ele dava aos índios nos primeiros anos de sua estadia na Amazônia (TASTEVIN, s/d). Ressalta um personagem complexo e múltiplo, porém cuja qualidade etnográfica não deve ser descartada. Na introdução, M. Carneiro da Cunha esboça ainda uma comparação com o grande etnólogo-missionário francês Maurice Leenhardt, mostrando que se a obra de Leenhardt não se compara a obra de Tastevin, isso se deve talvez à imagem que Tastevin tinha de si mesmo e a um campo extremamente diferente em sua extensão física. Enquanto Leenhardt ficou em algumas aldeias, Tastevin percorria uma vasta região e trabalhava, como missionário, não somente com os índios, mas também com seringueiros, patrões e políticos locais. Ainda ao contrário de Leenhardt, Tastevin não tentou aprender as línguas dos povos indígenas com os quais manteve contato, nem dedicou-se a traduzir a Bíblia – diferença que M. Carneiro da Cunha atribui em parte ao fato de Tastevin ser um missionário católico, enquanto Leenhardt era protestante (p. xvi-xviii).

Com esses dois volumes temos então uma amostra bastante representativa da obra publicada de Constantin Tastevin, mostrando as diversas facetas dessa personagem complexa, e no mínimo duplo, senão triplo. Os mapas

presentes nos volumes – reproduzidos a partir de artigos publicados em *La Géographie*, o léxico e a bibliografia do Padre Tastevin – que provêm de um manuscrito dos arquivos da Congregação do Espírito Santo de Chevilly-La-Rue completado por M. Carneiro da Cunha - que encontramos no final das coletâneas são instrumentos valiosos. Porém, como M. Carneiro da Cunha pontua em sua introdução, a maior parte dos dados etnográficos de Tastevin não foi publicada em nenhum artigo e se encontra em manuscritos nos arquivos da ordem à qual pertencia Tastevin. Esse material, que trata principalmente das populações Kanamari-Katukina, aguarda uma edição crítica.

---

*Jeremy Paul Jean Loup Deturche é doutor em Etnologia pela Université de Paris Ouest Nanterre la Défense e professor do Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.*

## NOTAS

---

- 1 Convém notar que a identificação dos textos originais não é sempre evidente, notadamente na primeira coletânea, no qual dois textos não têm nem em nota a referência à publicação original, conforme *A região do Solimões ou Médio-Amazonas* e *Os índios Mura da região do Autaz*. Na segunda coletânea o sumário contém o título do artigo e a data original de publicação, informação que não consta no primeiro volume, mas que é de grande importância. Talvez pudéssemos esperar que no sumário dos dois volumes fosse inserido também o título da revista onde os artigos foram primeiramente publicados.

## BIBLIOGRAFIA

---

FAULHABER, Priscila. 2008. “Etnografia na Amazônia e Tradução Cultural: comparando Constant Tastevin e Curt Nimuendajú” *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciência Humana* 3(1), Belém.

TASTEVIN, Constantin, s/d. Un petit séjour chez les Indiens Canamaris. Carta manuscrita, Archives Générales de la Congrégation du Saint Esprit 140-A-I (Arquivo da prelazia de Tefé APT 604.3.7, Tefé Am), Chevilly-La-Rue, França.